

O Desejo de subverter o delírio na pesquisa

The desire to subvert the delirium in research

Erica Franceschini, Tania Mara Galli Fonseca

Resumo

Abrimos, percorremos e fechamos este texto com a seguinte questão: seria possível, no fundo, pensar sem enlouquecer? O questionamento de Deleuze nos serve como um intercessor para constituir uma outra experiência na pesquisa em Psicologia Social e Institucional, na qual intentamos fazer a escrita delirar. Consideramos, pois, o delírio como uma imagem que carrega um sintoma e se apresenta enquanto um atravessamento político e estético de nossas pesquisas, onde é possível, de fato, pensar. Neste sentido, o que afirmamos são novos enunciados à pesquisa, à escrita, ao delírio e ao pensamento, considerando que somos constantemente chamados a problematizar os corpos loucos da atualidade.

Palavras-chave

Pensamento, pesquisa, delírio.

Abstract

We open, go through and close this text with the following question: could it be possible, in the back, to think without going mad? Deleuze's questioning serves as an intercessor to constitute another experience in research in Social and Institutional Psychology, in which we try to make writing delirious. We consider, therefore, delirium as an image that carries a symptom and presents itself as a political and aesthetic crossing of our research, where it is possible, in fact, to think. In this sense, what we affirm are new statements to research, writing, delirium and thought, considering that we are constantly called to problematize the crazy bodies of today.

Keywords

Thought, research, delirium.

Erica Franceschini

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Psicóloga, mestranda do Programa de Pós-graduação em Psicologia Social e Institucional da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS

ericafranceschini@hotmail.com

Tania M. Galli Fonseca

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Professora Titular do Instituto de Psicologia, Professora do Programa de Pós-graduação em Psicologia Social e Institucional da UFRGS, coordenadora da Coleção Cartografias, autora de livros e artigos da área.

tgallifonseca@gmail.com

Introdução

Forjamos de Deleuze a questão que acompanha este texto e que Peter Pál Pelbart apresenta no livro *Vertigem por um fio: políticas da subjetividade contemporânea* (2000). A questão que trazemos diz respeito à loucura e ao pensamento, à medida em que vem questionar se seria possível, no fundo, pensar sem enlouquecer. Perguntamo-nos também: seria possível? Seria possível produzir uma pesquisa científica e acadêmica na qual o pensamento, de fato, esteja engendrado? Diante desta tessitura de incertezas, nosso salto em direção ao campo acadêmico busca atrelar a questão de Deleuze à outra que interroga, no tocante, se seria possível simplesmente ou, complexamente, pensar, pois para este filósofo, o pensamento não é algo inato, natural e pré-existente no sujeito, mas sim uma ação até mesmo perigosa, de modo que

admite-se facilmente que há perigo nos exercícios físicos extremos, mas o pensamento também é um exercício extremo e rarefeito. Desde que se pensa, se enfrenta necessariamente uma linha onde estão em jogo a vida e a morte, a razão e a loucura, e essa linha nos arrasta (DELEUZE, 2000, p. 31)

No campo da pesquisa em Psicologia Social e Institucional, de onde falamos, poderíamos supor que nos colocamos constantemente sob esta linha, cara a cara com este perigo, à medida em que incorporamos aos nossos estudos o delírio. É, portanto, justamente quando o delírio adentra o campo da pesquisa, que não o tomamos mais como um mero objeto de estudo, passivo e passível de ser descrito, mas sim como um modo de pesquisar e de ser pesquisador – pesquisador-delirante – vindo a assumir uma postura que suplanta a noção de patologia que, nas correntes tradicionais o revestem como pejorativo e excessivo aos padrões considerados normais. Em nosso caso, quando o acolhemos como elemento associado ao pensamento e ao seu Fora, podemos ainda associá-lo à capacidade inventiva, imaginativa e disruptora das figurações cotidianas que habitam nossos modelos de olhar os próprios mundos e para o mundo. Delírio aqui, mistura-se à ficcionalização, aparece como um recurso de preenchimento dos vazios que a razão não consegue apreender em sua linha reta, torna-se uma espécie de atravessador que traz mercadorias clandestinas ao habitual de nossa existência, possibilita alçar voo, sem desprender os pés do chão, situa-nos pois, entre o interstício entre um aqui e um além, entre um agora e um outrora, entre o que foi e o que ainda não foi. Delírio intrometido nos entres do movimento de ir e vir, de afundar e voltar à superfície, delírio ligado ao desejo de não sufocar, ao esforço de não se consolar com conquistas muito térreas, baixas e já sabidas.

Nossas lutas, assim, seguem a ideia de voar com os pés no chão, onde temos “a chance de fazer voltar todo o delírio que se enlaça aos avessos da história, na tentativa de contá-la de múltiplos modos, para além das previsibilidades das descobertas. Operamos a ética de um retorno que volta os possíveis à sua mais elevada potência” (FONSECA et al, 2010, p. 180). Passamos a afirmar, neste ínterim, que há uma força criadora porvir e a considerar que entre a razão dita pura e a loucura, há um corpo aberto e sensível, cindido por um bisturi prudente e menor, capaz de captar os ruídos e escrevê-los com sua ponta afiada na superfície, levando os mais ínfimos pensares, que outrora tomavam a forma de invisíveis fantasmas, para o outro lado. Assim, compõe-se uma dobra na linguagem, análogo ao inominável para Samuel Beckett (1953).

Neste sentido é que seguimos provocando este texto a pensar sem imagens ao modo que Deleuze propõe. Perguntamo-nos, pois, se ainda hoje

é possível ultrapassar uma pesquisa estritamente ligada à representação e à descrição dos resultados para compor um plano de consistência que afirme o delírio como uma fresta ou estilística presente na composição de uma escrita científica-acadêmica. No mais das vezes, compreendemos que o delírio insurge como um intercessor possível que acopla à conjectura do pesquisador outros sentidos invisíveis e imperceptíveis, possíveis e em devir, ou seja, aquilo que ainda não é visto ou ouvido num primeiro momento pelo corpo orgânico, mas afetado pelo corpo intensivo para produzir o que Artaud performa no teatro da crueldade, no cru do corpo e que denomina, um outro Corpo-Sem-Órgãos.

Arriscamo-nos, por conseguinte, na composição deste texto, a deslocar o termo delírio, usando-o mais como uma imagem corporal que permitiria explorar um outro lugar de enunciação à loucura, ao cabo e à vista da análise do discurso de Michel Foucault, para proferir enunciados inéditos que criticam a normatividade da linguagem e da escrita de uma pesquisa em Psicologia. Viemos, deste modo, problematizar os modos dominantes de enunciação ligados ao campo acadêmico-científico para contestar a pluralidade e a difusão dos elementos delirantes, descolando tais elementos de uma sintomatologia patológica, enunciada ao longo da História da Loucura, principalmente na Idade Clássica, para experimentar uma escrita que reserva em seus delírios proliferantes, um sintoma. Ao serem escavados pelo pesquisador atento e curioso, por vezes distraído, os delírios fariam jorrar uma outra superfície de visibilidade, ao modo de reentrâncias daquilo que ainda não fora visto e que se apresenta sempre como uma “obra de perda” (DIDI-HUBERMAN, 2010, p. 34). Portanto, é por uma espera que o pesquisador passa para encontrar-se com os vazios que o coloca a pensar. Nos arriscamos, assim, neste texto, a catar vazios que pensam um outro modo de tecer uma escrita, fazer pesquisa e de fazê-la delirar.

Enunciados

Começamos por investigar e conferir quais são os discursos que circulam atualmente acerca da atividade de pesquisar e quais enunciados estão colados a esta prática na constituição dos saberes e na sua articulação para a formação e construção do conhecimento. Para tanto, seguimos a proposição de Michel Foucault que, ao estudar os enunciados, os considera “[...] coisas que se transmitem e se conservam, que têm um valor, e das quais procuramos nos apropriar; que repetimos, reproduzimos e transformamos, para as quais preparamos circuitos preestabelecidos [...]” (FOUCAULT, 2012, p. 147), indicando que os enunciados referentes à pesquisa, assim como sua escritura, hoje, não são os mesmos que os de outras épocas, de outros lugares ou de outros campos do saber.

Lembramos que nossos estudos provêm da Psicologia Social e Institucional, portanto, também somos atravessados por essa instituição e por tudo aquilo que a constitui, incluindo seus objetos de estudo com os quais nos ocupamos ao longo da história, sendo que para Fonseca e Costa (2013, p. 419) os objetos “são definidos a todo momento nesse movimento de salto entre a memória e a ação possível, neste tempo vivido da duração”, portanto, não nos são ofertados como num a priori, mas construídos incessantemente, a partir das experiências que viabilizamos com o espaço num determinado tempo.

Compreendendo, desta maneira que uma enunciação é fruto da equação espaço-tempo, o que pode restar desta equação são sempre variáveis que se apresentam – e que não necessariamente se opõem – de verdade ou de potência. Se sucede que uma verdade pode ser reduzida quando é tomada como mera consequência de uma determinada causa ou, de outro modo, múltipla, à medida em que se liga à potência. Enquanto a

constituição de uma verdade supõe que a utilidade do conhecimento tem a ver com a possibilidade de agir sobre as coisas, pois busca-se aplicar o conhecimento a um fim específico, a potência implica perguntar-se sobre as forças que estão em jogo, uma vez que a pesquisa e a construção do conhecimento carregam tantos sentidos quantas forem as forças capazes de irromperem nesta relação, o que implica reconhecer que “o próprio objeto é expressão de uma força” (DELEUZE, 1976, p. 5). Ora, isso quer dizer que não estamos lidando com um sentido fixo ou uma verdade absoluta, mas, ousamos supor que nossas propostas de escrita e pesquisa passem antes por um perspectivismo, entendido como

um multinaturalismo, pois uma perspectiva não é uma representação. Uma perspectiva não é uma representação porque as representações são propriedades do espírito, mas o ponto de vista está no corpo. Ser capaz de ocupar um ponto de vista é sem dúvida uma potência da alma (VIVEIROS DE CASTRO, 2015, p. 65).

Destarte, há uma pluralidade em jogo e não uma verdade.

Adentrando na história da loucura, nos deparamos com uma paisagem social durante a Idade Clássica, que tomava o corpo do louco da mesma forma do que, em outras épocas, os corpos leprosos foram tidos, sendo vitimados pela exclusão. Michel Foucault demarca em seus estudos e esclarece que a loucura, neste período, passa a operar um jogo entre a razão e a desrazão, levando-se em conta que a razão é o centro do regime de verdades do Ocidente. Desprovido de razão, por sua vez, o louco se tornaria aquele com uma linguagem desqualificada, pois ele seria incapaz de dizer a verdade. Nota-se nesta crença, que o delírio surge como uma linguagem interdita, sendo desprezado da cultura e da sociedade, e segregado do domínio da verdade para ser ligado à desrazão, em vista disto, “a loucura é a linguagem excluída” (FOUCAULT, 2006, p. 2015).

Já no século XX, a psiquiatria vai colocar o louco na condição de mudez. Emudecendo a loucura passa-se a dar a ela um tratamento médico – a linguagem do outro –, classificando e diagnosticando o delírio para condicioná-lo a um sinal nosológico, o que fica evidente, por exemplo, nas pesquisas de Lima e Pelbart (2007) que buscaram percorrer as mutações do território composto pela arte e loucura no Brasil, levantando que nas primeiras décadas do século XX, as obras produzidas pelos pacientes internos dos grandes manicômios, insistiam em receber um olhar psicopatológico, predominando a busca pelos sintomas na produção artística. Aqui, os delírios que eram reconhecidos no traço, ganhavam interpretações psíquicas e trabalhava-se para o desaparecimento destas peculiaridades nas obras, ou seja, a expressão passava a ser controlada e era preciso rescindir qualquer diferença que fosse expressa, funcionando como um termômetro para a presença ou ausência dos sintomas da loucura. Neste ínterim, entendemos que os pesquisadores tinham o delírio como um objeto de estudo bem definido e seu atravessamento seguia o jugo da patologia.

Em contrapartida, principalmente e a partir da Reforma Psiquiátrica brasileira, a utilização de recursos artísticos no cuidado à saúde mental vem problematizar não apenas a doença, como ocorria na ascensão da psiquiatria, mas passa a se expandir por todo o campo da saúde mental, desde as instituições até os saberes, entre os profissionais, familiares e pacientes, intervindo diretamente na sociedade para a extinção dos manicômios, sendo que, durante este período de transição, a arte foi um importante dispositivo na manutenção de cuidado e atenção. Por conseguinte, o esforço em relação à loucura, não está mais na remissão dos sintomas, o que quer dizer que seu objetivo não passa unicamente por fazer desaparecer o delírio, mas por percorrer a sua criação, promovendo

processos de vida que acolham o sintoma presente em uma saúde frágil “que provém do fato de ter visto e ouvido coisas demasiado grandes para ele, fortes demais, irrespiráveis, cuja passagem o esgota, dando-lhe contudo devires que uma gorda saúde dominante tornaria impossíveis” (DELEUZE, 2011, p. 14). Por isso, aqui, quando o louco produz obra, não se trata de expor a patologia e torná-la objeto de interpretações, mas de um momento no qual ele pode experimentar construir uma outra experiência com o mundo e dela retirar outros sentidos à obra. Como Guattari (1992) refere: recompôr universos existenciais e produzir uma mutação de enunciação.

Diante disso, nos perguntamos: quais experiências são possíveis no campo da loucura, em que o delírio insurja neste lugar de produtor de sentidos? Trazemos para ilustrar essa tentativa, a experiência do Hospital Psiquiátrico São Pedro de Porto Alegre/RS que, no âmbito da Oficina de Criatividade, proporciona ao louco se relacionar com a pintura e com a arte em geral, muito mais para acolher sua linguagem do que para receber uma explicação ou uma aprendizagem de como se trabalha no campo das artes visuais. Temos, por exemplo, o caso da paciente Natália Leite, interna há mais de 50 anos no Hospital, que desenha, borda e pinta repetidamente casinhas cor de laranja. Inseridos neste espaço como pesquisadores, nosso olhar com sua arte nunca foi numa tentativa de interpretação de sua psicose, nem de uma compreensão de suas relações familiares rompidas em função do abandono sofrido. Suas casinhas, produzidas ao longo de 26 anos de trabalho, encontradas em meio de mais de 7.500 obras já catalogadas, aos nossos olhos, não são meras casinhas, mas na multidão de sua obra, espriam-se como flores de um jardim. Assim, talvez as casinhas também aos olhos de Natália sejam como flores. Fora dos muros manicomial, longe dos concretos acinzentados, Natália encontra um jardim para cuidar, o qual todos os dias ela tem o trabalho de regar, adubar, arar, cortar, cultivar, plantar, conservar, limpar, manter, enfim, um espaço que ela cria e mantém a vivacidade. E com Natália, deliramos e escrevemos.

Nossa escrita neste caso, assim como fizemos em outras pesquisas e projetos desenvolvidos pelo nosso grupo, deseja subverter o delírio, ou ainda, constituir um perspectivismo que concebe a experiência delirante não como um lugar fora do mundo, mas como um outro mundo do fora. Perante essa prerrogativa, enunciamos um outro sentido possível à própria loucura, desbancando a sintomatologia paralisante de um corpo doente para encontrar a fissura de uma frágil saúde por onde vazam outras imagens e corpos que proporcionam ao pesquisador uma experiência de escrita para além da linguagem prescrita: experimentamos uma linguagem do corpo que nasce da experiência com o corpo.

Desse modo e desconectados das ordinárias e clichês palavras de ordem, seremos capazes de nos relacionar intensivamente com as palavras que emergem de uma imagem intersticial ou desse sintoma do qual não sabemos informar os contornos. Assim, mergulhados numa espécie de energia vital e criativa, passamos não mais a ouvir uma voz humana, mas passamos a ouvir as vozes e os ruídos que provém destes corpos frágeis, distorcidos e enevoados que parecem fazer nascer do meio da neblina uma outra coisa que ainda não existe: fazem nascer flores em forma de casinhas, gerando um outro pensamento. Fazem assim, a loucura ocupar um pequeno espaço na superfície. Por fim, frisamos que não devemos confundir a questão do delírio aqui discutido, com a questão de padeceremos da loucura, de modo que não se trata de afirmar os estados terroríficos do espírito como um pré-requisito à pesquisa, todavia, enunciamos o delírio como uma estratégia de criação, uma possibilidade, ou se queremos ir além, uma metodologia de pesquisa e escrita. É disso que tratamos: de escritas delirantes.

Corpos

O corpo da criança para Nietzsche em Assim falou Zaratustra é o que, na última e essencial transmutação, permite a criação de novos valores. A criança sempre opera no presente, seu espírito intempestivo não condiz com o sujeito empírico e sua presença não exclui o camelo e o leão das metamorfoses anteriores. Mas a criança, não podemos esquecer, é a última metamorfose, o novo começo, que permite ao espírito realizar-se na sua máxima potência, ou seja, não se começa criança, mas transforma-se. Da mesma forma, a escrita delirante, que queremos afirmar, se estende sobre nós como uma noite experimental, aparecendo antes como vazios e pequenos buracos de sentidos dilatados para fazer passar graus variados de intensidade em fluxos delirantes, combinando as forças que possibilitam a criação de um novo corpo.

É o momento em que o corpo intensivo e esvaziado requer passagem. Porém, deve-se dizer que este corpo que se retorce para conseguir sair dos modelos estratificados, não garante somente momentos de saudável ampliação. Recusar uma gorda saúde dominante impõe alguns momentos de fome e de solidão, outros, de quedas diante do público, outros ainda de scripts se perdendo e voando para longe. Tudo isso carrega em si uma tragicidade inerente à vida e exige uma dobra sutil ao fora. Por conseguinte, ao assumir a tragédia como parte de sua performance, Artaud esvaziou seu corpo com a intenção de preenche-lo com o que estava fora do corpo e, ao fazer isso, culminou sua transformação com a invenção de uma imagem irrealizável que ele nomeia Corpo-sem-Órgãos, imagem de um corpo que o masoquista esfolia, o hipocondríaco destrói, o paranoico ataca. Na luta contra os órgãos, o corpo passaria a ser habitado por espectros e o delírio operaria o trabalho de busca por uma possível vitalidade e nudez.

“Dilatar o corpo da minha noite interna”, é uma frase inesquecível de Artaud que na maior parte de sua vida, entre a arte e as internações em manicômios, trabalha a fim de construir para si esse corpo nu e vital, Corpo-sem-Órgãos. Das experiências que propõe para si, descobre na escrita o gesto de abrandamento à catástrofe que o tomava, essa de querer jogar fora os órgãos e a gramática, para viver a ânsia do inorgânico. Todavia sua escrita não seguia a norma culta da língua e como podia-se notar em suas transmissões radiofônicas, a presença da palavra também era envolvida em uma espécie de fonemática animal e/ou primitiva, na qual os gritos, as arranhaduras, os espaçamentos da língua impunham uma outra realidade que ultrapassava a própria palavra, demandando do ouvinte uma outra sonoridade. Ao criar sua própria língua, o que Artaud faz é deslocar a linguagem para o corpo, tornando-o arquivo de suas escrituras: “a escrita é, muitas vezes, lançada em um jogo puramente sonoro, uma espécie de glossolalia. As palavras, os traços que realizam os desenhos, os gritos que surgem entre as palavras como estranhas linhas de fuga deixando a língua” (UNO, 2012, p. 38).

Se Artaud conseguiu fazer sua escrita delirar ou se conseguiu criar uma linha de fuga para compor um outro mundo por meio desta, ressalta-se que é porque Artaud desceu às profundezas, mas conseguiu retornar à superfície através da arte, análogo ao pássaro que mergulha no mar em busca e volta à superfície ou carregando algum achado ou apenas para não sufocar, para tomar ar. O voo deste pássaro poderia dizer desta escrita delirante em direção ao Corpo-sem-Órgãos e depois sua volta ao corpo organizado, através da arte. Por outro lado, compor uma escrita delirante não é tarefa simplista e não significa que cabe a todos os loucos, unicamente por serem loucos, essa função. A capacidade de fazer delirar a escrita não está atrelada a uma condição, como viemos afirmando recorrentemente

neste texto, considerando que ela não está ligada ao viés psicopatológico da pesquisa.

No que nos concerne, poderíamos apontar que se temos um viés, este é mais estético e político, no qual o delírio se apresenta como essa fuga e/ou um devir, provocando diferentes constructos às linhas que dali emanam. Portanto, sejamos loucos ou não, tomar o delírio na esteira da escrita é deixa-lo encontrar-se com a potência do impessoal, o que implica, destituir nosso poder de dizer Eu. Não sou Eu quem escreve, mas atingimos visões e audições inimagináveis, possíveis apenas à metamorfose da criança de Nietzsche, essa que se lança em direção à superfície e que se alia à profundidade à qual o louco já se direcionou. Entre a criança e o louco, portanto, um fio se estende e é sempre e apenas por esse fio quase imperceptível, que se consegue produzir, escrever, ou como Deleuze aponta, deixar emergir um acontecimento. Delirar sem padecer.

O que acontece, ou o acontecimento que ao mesmo tempo agenciamos e testemunhamos é a emergência de corpos desconhecidos, compreendidos como latências ardentes do arquivo-corpo que, para serem lidas na prática de pesquisa exigem uma busca de olhos fechados, pô-las, através da leitura de signos, diante do tempo, deslindando seu teor “como um livro de mil folhas inesgotáveis e superpostas, montanha para dentro da terra a ser esburacada pela lanterna frágil das condições de visibilidade que obtemos de nosso presente” (FONSECA; FRANCESCHINI, 2016, p. 81). Arquivo de corpos que lemos no Ateliê de Escrita do Hospital Psiquiátrico São Pedro, sendo esta outra atividade presente na Oficina de Criatividade, na qual os loucos experimentam a caneta como a possibilidade de traçar linhas errantes no papel, linhas daquilo que, em suas condições, é possível, ainda, produzir. Por isso, suas escritas são como ressonâncias do mundo, não o mundo em si, mas funcionam como um estado de urgência, onde podem contar sobre aquilo que não se consegue nomear. Diante disso, nossa posição pesquisadora não deve basear-se na forma que o texto toma, o estilo, os códigos utilizados, mas já dentro da montanha esburacada, acreditamos que escutar o delírio e deformar o texto nos permite tocar o ponto em que o corporal e o incorporal se encontram, ponto em que as palavras se tornam pura vibração e o pensamento se efetua efetivamente no corpo, porém como um invasor, um estrangeiro e desconhecido que nos toma.

Suspeitamos que o poema abaixo, escrito pela paciente Jacqueline Antunes Krueger (2014) nos aproxime um pouco mais destas pistas. Acompanhemos:

Esquinas absurdas que vão dar em lugar nenhum, corredores obstruídos, passagens secretas, lugares sombrios, corredores vazios. Lembranças esquecidas, paisagens doidas. Ruas não percorridas tentando acontecer. Visão turva, vultos sem rostos, dias ou noites. Tudo se esconde e tenta não ser. Cidade fantasma. Fuga e mais nada. Perto de onde esse lugar, tão dentro de mim (KRUEGER, 2014, p. 43).

Jacqueline escreve sobre lugares de passagem que a arrastam como se fugissem pela sua pele, enquanto experimenta algo que tenta acontecer: um outro corpo, talvez? Novas ruas e linhas antecipando a dança delirante que já está nela: tão dentro de mim e que insiste em borrar as linhas demarcadas entre a loucura e a razão. Então, diante do caos das esquinas absurdas, Jacqueline toma a decisão de sair de si mesma, de delirar, escrever seus delírios, antes que a loucura a confunda. E assim, faz fluir os signos vazios que se misturam ao seu corpo, fazem-se língua-corpo, promovendo a retirada das fronteiras e limites da linguagem. A escrita passa a encarnar as palavras, a ser palavras e, ao mesmo tempo, corpo. Jacqueline inventa uma

outra língua para seu delírio ao escrever, enquanto nós, inventamos um outro lugar para sua escrita delirante habitar: uma literatura.

“A literatura é delírio”, dirá Deleuze (2011, p. 15), mas um delírio bastardo que resiste a tudo que o esmaga e o aprisiona e não um delírio de dominação que é a doença por excelência. Neste ínterim, a escrita tem a função de criar uma saúde, uma possibilidade de vida, “escrever por esse povo que falta” (DELEUZE, 2011, p. 16), de modo que, a cada vez que se escreve se fabrica uma outra língua. A língua de Natália, a língua de Jacqueline, como vimos, não podem ser apreendidas, apenas interrompidas pelos desvios que criamos a cada vez que nos ocupamos com suas produções. Paradas nas quais podemos ouvir seus rumores: nem silêncio, nem palavra, apenas pinturas e escritas. O rumor é uma maneira do delírio realizar seu movimento, habitar um fora que não é o fora do normal já normatizado, mas um fora que serve para contestar o normatizado, funcionando como, de fato, uma função para serem produzidas linhas de fuga. Diante disso e pelo desenrolar de nossas considerações, cremos que fica no ar esse cheiro de que delírio e pensamento, ou loucura e pensamento mantêm uma relação intrínseca. Mas ainda devemos nos perguntar: que imagens o delírio compõe em nossas pesquisas? Vejamos.

Delírios

Escolhemos então, voltar à questão que abriu este texto: seria possível, no fundo, pensar sem enlouquecer? Uno (2012) expõe a concepção de pensamento para Artaud que se liga à crueldade. Para este, pensar é cruel, pois o pensamento vem romper com a espessura de tudo aquilo que diz respeito aos nossos corpos: memórias, sensações, vitalidade. Além disso, pensar é cruel, pois pensar consiste em nunca conseguir, de fato, pensar, visto que, a cada vez, o pensamento faz o espírito reencontrar com matérias e corpos desconhecidos. O autor ainda fala que para Artaud pensar é quase coextensivo a não pensar e que o pensamento seria um processo muito profundo posto a trabalhar na matéria. Tal afirmação nos faz compreender que, ao sofrer a violência do pensamento, os corpos não são mais capazes de compor uma forma, mas passam a sofrer uma série de deformações, sem que nada possam fazer para se protegerem do jogo de forças em ação.

Vale dizer que nos propomos a acompanhar tais deformações em nossas pesquisas, quando abordamos em nossos seminários denominados Arquivo e Testemunho, atualmente em sua décima edição, a sintomatologia das imagens. Exposta por Didi-Huberman (2010) como reservatório de sintoma, a imagem guardaria um fundo sem fundo, ou seja, um lugar que não corrobora com o figurativo e o visível, mas arde enquanto superfície de espera, daquilo que ainda não é, mas pode vir a ser; como um sonho que se apresenta sempre parcial, nunca completamente visível. Da mesma forma, o delírio carrega esse sintoma paradoxal da imagem – escutar o não audível – e ascende como um pensamento informe, quase um não pensar. A imagem teria essa função, portanto, de produzir o conhecimento e o sintoma, a pesquisa e a escrita concomitantemente, tornando-se experiência, apenas, se sua legibilidade não for dada de antemão, ou seja, se ante um objeto visual, a linguagem puder operar a crítica, fazendo renovar o pensamento.

Renovar o pensamento, por conseguinte, tem a ver com descentra-lo e ofertar a ele uma complexidade que, automaticamente, o torna mais potente, tarefa que não é simples ou indutiva. Conforme Farina e Fonseca (2015) indicam, é necessário violar a ideia de que todo munda pensa ou sabe o que é pensar, pois essa afirmação relaciona-se à busca de uma verdade totalizante e universal, reduzindo o pensamento ao objeto representacional. Para as autoras, o pensamento potente atrela-se à propôs-

ta política de Deleuze, que considera que pensar provém antes, do insuportável e intolerável, sendo expresso por meio da arte, do delírio, da fabulação, do sonho... o delírio então, como expressão do pensamento, abre caminho para outras conexões, onde não podemos mais ligar sua imagem à história do surto no sujeito, mas sim à história dos povos.

Mas por que ligar o delírio à história dos povos? Porque como Deleuze nos fala e já citamos acima, escrever é escrever por esse povo que falta, sendo que esse povo só pode ser inventado por uma escrita delirante, fabricado por visões e audições que não pertencem a ninguém, ou seja, que não são passíveis de se tornarem objetos de posse ou propriedade. Ao mesmo tempo, esses povos não são fantasmas, pois os delírios são históricos, expressando-se como linhas de fuga que escapam do universal. Para Deleuze e Guattari (1976, p. 376), “todo delírio é, primeiramente, o investimento de um campo social, econômico, político, cultural, racial e racista, pedagógico, religioso: os investimentos sociais são primeiros em relação aos investimentos familiares”. Nesta perspectiva, vislumbramos os delírios de nossas escritas como constituintes de uma trama política atual, desencadeada pelo delírio de cavoucar o fundo sem fundo das experiências com o outro que nos habita. Enquanto pesquisadores, nos apropriamos de uma impessoalidade que nos impede de nos filiar simplesmente à Psicologia Social e Institucional e agregamos aos nossos estudos uma hibridez que, assim como o louco, nos marginaliza.

Diante disto, a crítica que encabeçamos às nossas pesquisas está em afirmar a superfície do delírio em detrimento à profundidade da consciência. Se mergulhamos na loucura não é para retirar dela os elementos que a predispõe a não ser considerada verdade por sua falta de naturalidade à razão, mas nossas buscas são por redescobrir um aspecto primário da linguagem, aquele que torna a linguagem puro corpo. Trata-se de um movimento de livrar-se da matéria e da gramática, construir o Corpósem-Órgãos da escrita e trazer à superfície, justamente, uma outra imagem do pensamento, que Deleuze reivindica em *Diferença e Repetição*: “o pensamento que nasce no pensamento, o ato de pensar engendrado em sua genitalidade, nem dado no inatismo nem suposto na reminiscência, é o pensamento sem imagem” (DELEUZE, 2006, p. 240). Liberto da moral e dos pressupostos, o pensamento sem imagem anuncia a possibilidade de engendrarmos no pensamento algo ainda não presente no mundo, um aspecto visual e até mesmo delirante.

Eu sofro de uma terrível doença do espírito. Meu pensamento me abandona em todos os níveis. Do fato simples do pensamento ao fato exterior de sua materialização nas palavras. Palavras, formas de frases, direções interiores do pensamento, reações simples do espírito, eu estou em busca constante do meu ser intelectual. Quando, então, consigo alcançar uma forma, por imperfeita que seja, fixo-a no temor de perder todo o pensamento. Eu estou abaixo de mim mesmo... (ARTAUD, 1970, p. 24).

Por conseguinte, longe das formas, o delírio requisita um movimento ao infinito, e enquanto pensamento sem imagem, ele sempre vai mais longe que a própria linguagem. Assim, é o corpo que se articula com o fluxo intenso e segue a lógica dos afetos, pelo qual está sempre destinado a apagar-se, a durar no instante e a tornar a pesquisa análoga a um pensamento em fuga, pronta para destruir a si mesma, destruir o seu próprio corpo. Lembramos, por conseguinte, deste corpo da noite interna de Artaud que nasce de um corpo frágil, quase morto e vazio que é atravessado por todo tipo de forças que desfazem o automatismo do pensamento, ultrapassam os limites do incorporal e permitem criar.

Herdeiros de uma ontologia que considera o pensamento um acordo entre as faculdades, ao propormos uma metodologia delirante à pesquisa,

estamos apontando que ali não haveria um acordo que resultaria no senso comum, mas sempre um choque, um acontecimento. Ousamos, portanto, fazer do delírio um corpo metodológico que nos permite encontrar com os corpos desconhecidos e a engendrar o pensar no pensamento. Se pensar é criar, como aponta Deleuze, pesquisar com o delírio como pano de fundo ou como a nossa noite interna, também é criar, porém nada disso é possível se não tivermos a coragem de, através da escrita, enlouquecer.

Sobre o artigo

Recebido: 10/10/2016

Aceito: 10/11/2016

Referências bibliográficas

ARTAUD, A. Correspondance avec Jacques Rivière. In: ARTAUD, A. **Oeuvres complètes**. Paris: Gallimard, 1970, p. 69-83.

DELEUZE, G. **Conversações**. São Paulo: Editora 34, 2000.

DELEUZE, G. **Crítica e clínica**. 2. ed. Tradução de Peter Pál Pelbart. São Paulo: Ed. 34, 1997.

DELEUZE, G. **Diferença e repetição**. 2. ed. Tradução de Luiz Orlandi e Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 2006.

DELEUZE, G. **Nietzsche e a Filosofia**. Rio de Janeiro: Ed. Rio, 1976.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **O Anti-Édipo: Capitalismo e Esquizofrenia**. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

DIDI-HUBERMAN, G. **O que vemos, o que nos olha**. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2010.

FARINA, J. T.; fouc, T. M. G. O cine-pensamento de Deleuze: contribuições a uma concepção estético-política da subjetividade. **Psicologia USP**. São Paulo, v. 26, n. 1, p. 118-124, 2015.

FONSECA, T. M. G.; COSTA, L. A. As durações do devir: como construir objetos-problema com a cartografia. **Fractal, Rev. Psicol.**, Niterói, v. 25, n. 2, p. 415-432, Maio/Ago. 2013.

FONSECA, T. M. G.; COSTA, L. A.; MOEHLECKE, V.; NEVES, J. M. O delírio como método: a poética desmedida das singularidades. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, UERJ, Rio de Janeiro, ano 10, n. 1, p. 169-189, 2010.

FONSECA, T. M. G.; FRANCESCHINI, E. Trânsitos temporais: arquivos e testemunho. In: TIMM, L. (Org.). **Arca efêmera**. Porto Alegre: Território das Artes, 2016, p. 81-87.

FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

FOUCAULT, M. Loucura, literatura, sociedade. In: Motta, M. B. (Org.). **Problematização do sujeito: psicologia, psiquiatria e psicanálise**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006, p. 232-258.

GUATTARI, F. **Caosmose: um novo paradigma estético**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

KRUEGER, J. A. S/título. In: FARINA, J. T.; GARAVELO, L. M.; FONSECA, T. M. G. (Orgs.). **Um olhar atelial: exercícios de uma literatura menor**. Porto Alegre: Museu da UFRGS, 2014, p. 43.

LIMA, E. M. F. A.; PELBART, P. P. Arte, clínica e loucura: um território em mutação. **História, Ciências, Saúde**. Manguinhos, Rio de Janeiro, v. 14, n. 3, p. 709-735, Jul./Set. 2007.

PELBART, Peter Pál. **A vertigem por um fio: políticas da subjetividade contemporânea**. São Paulo: Editora Iluminuras, 2000.

UNO, K. **A gênese de um corpo desconhecido**. 2. ed. São Paulo: n-1 edições, 2012.

VIVEIROS DE CASTRO, E. **Metafísicas canibais: elementos para uma antropologia pós-estrutural**. 1. ed. São Paulo: Cosac Naify, 2015.